



ANÁLISE DE CONJUNTURA ECLESIAL

I. Alguns princípios norteadores da análise de conjuntura eclesial

1. Os olhos fixos na Trindade

Nosso olhar sobre o mundo e sobre a Igreja quer ser atravessado pelo olhar do Deus Trindade, fonte inesgotável de amor, que se manifesta na misericórdia do Pai (Ex 34,6; Jl 2,13), na compaixão dos gestos do Filho (Mt 14,14; Mc 6,34) e no vigor do Espírito (At 1,8; 4,31), que faz novas todas as coisas e conduz a vontade do Pai a realizar-se no Filho e na humanidade criada à imagem e semelhança da mesma comunhão trinitária.

2. A bússola do Concílio Vaticano II

A Igreja busca em cada tempo e lugar anunciar a boa nova do Evangelho, tendo em conta o horizonte de compreensão de quem recebe o tesouro da boa nova. Este horizonte, para a Igreja católica, hoje, é o Concílio Vaticano II e seus esforços por tornar significativos e relevantes os conteúdos da fé, elaborados e definidos ao longo da história.

3. A tradição eclesial e teológica latino-americana

A América Latina, à luz do Concílio Vaticano II, inaugurou, em Medellín (1968), uma tradição de leitura dos “sinais dos tempos” baseada na opção preferencial pelos pobres, confirmada em Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), reiterada e renovada em Aparecida (2007). Esta tradição articula, a partir do método ver-julgar-agir, uma leitura teológica do tempo presente que torne possível um testemunho profético, solidário e transformador da Igreja no mundo.

4. Orientações e apelos do Papa Francisco

O Papa Francisco, através do testemunho, dos pronunciamentos, das iniciativas e dos documentos que tem proposto para a compreensão e a ação evangelizadora da Igreja, especialmente na *Evangelii gaudium*, na *Laudato si*, na *Amoris laetitia*, na *Gaudete et exsultate*, na *Christus vivit*, na *Querida Amazônia* e na *Fratelli tutti*, indica o caminho para o discernimento pastoral necessário no atual contexto no qual vive a Igreja do Brasil.

5. Experiência de uma Igreja atenta aos sinais dos tempos

A Igreja do Brasil, desde o Plano Pastoral de Conjunto (1966-1970), elaborado no final do Concílio Vaticano II, tem uma rica história de discernimento dos “sinais dos tempos” (GS 4), como atestam as análises de conjuntura realizadas em suas assembleias anuais e nos esforços de leitura da realidade propostos nos documentos que orientam suas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE).



II. Discernir os sinais dos tempos

“Dai-nos olhos para ver...” (Oração Eucarística VI D).

A pandemia da Covid-19 é, sem dúvida, o principal “sinal dos tempos” a ser interpretado no momento presente, nele discernindo o que “o Espírito diz à Igreja” (Ap 2,7). Ecos de outros “sinais” também impactam o conjunto da realidade brasileira na atualidade e serão brevemente evocados, para futuras análises.

Sob muitos pontos de vista, a humanidade acreditava ter superado os flagelos provocados por contágios de todo tipo, por causa dos grandes avanços da ciência e da técnica, embora parte significativa de homens e mulheres continuasse sendo afetada por todo tipo de enfermidades para as quais já se tinha solução.

A crise atualmente em curso afeta as certezas adquiridas e serve de alerta contra a arrogância de uma razão instrumental que construiu um sistema-mundo insustentável, denunciado pelos movimentos ecológicos e pelo Papa Francisco, na *Laudato Si’* e em suas insistentes críticas ao sistema econômico que exclui e mata. Ela pode ser uma oportunidade única de tomada de consciência, de conversão e de redirecionamento da vida.

Os impactos de um vírus, minúsculo e invisível, são sentidos em muitos âmbitos da vida, desde os do convívio diário, feito de gestos de afeto e cordialidade, aos mais complexos, como os que organizam os sistemas de produção, circulação de bens e serviços, ordenação de mercados, provocando uma crise econômica e social sem precedentes. O isolamento social e os novos hábitos de higiene, promovidos pelas autoridades políticas e sanitárias, são, por um lado, sintomas de um medo que tomou conta de muitas pessoas, e, por outro, o sinal do cuidado que deve pautar as relações com os mais vulneráveis e com o meio ambiente, no cuidado da “casa comum”. Os últimos meses, além dos efeitos da pandemia, foram marcados por um crescimento impressionante das queimadas, muitas delas criminosas, sobretudo na Amazônia e no Centro Oeste, colocando em risco o bioma local, os territórios dos povos indígenas e a sobrevivência das populações ribeirinhas, além do impacto ambiental sobre as demais regiões do país.

A pandemia interveio num momento de profunda crise no Brasil. Após um período de crescimento econômico, que permitiu a inclusão, no mercado de bens e serviços, das camadas sociais menos favorecidas, os efeitos das crises da economia mundial de 2008 começaram a impactar a economia nacional, impedindo o acesso a outros benefícios das sociedades democráticas aos que nela tinham sido incluídos. As denúncias de corrupção em várias instâncias governamentais, as importantes manifestações de junho-julho de 2013 e a polarização das eleições de 2014, abriram espaço para o surgimento de novas forças sociais e políticas, que se tornaram muito ativas e criaram as condições para a eleição dos políticos que comandam os vários âmbitos da nação.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Na dimensão sociocultural, a irrupção de novos atores sociais aguçou a sensibilidade à diferença, ao reconhecimento e afirmação das alteridades, suscitando também muitas reivindicações por seus direitos. No Brasil, isso tem se expressado nas lutas dos povos originários pela preservação de suas culturas e territórios; nos movimentos afirmativos e antirracistas das populações afrodescendentes; nas organizações de mulheres em defesa da vida e contra a violência, promotoras de um protagonismo na igreja e na sociedade; nas reivindicações pelo reconhecimento da diversidade sexual. Além de despertar à riqueza das diferenças e às lutas por direitos de vários tipos, essa tendência sociocultural fomentou também a fragmentação e o pluralismo, muitas vezes identificados com o “pensamento fraco”, a cultura “líquida” e o relativismo. Radicalizada, ela pode dar origem a distintas expressões da “pós-verdade”, muito presentes em grupos que disseminam as falsas notícias (Fake News), promovem o negacionismo das descobertas científicas, e, durante o tempo da pandemia, relativizam as medidas de distanciamento social.

A fragmentação e o pluralismo têm mudado também o campo religioso nacional, diversificando-o e enriquecendo-o, mas igualmente levantando questões preocupantes. A principal força propulsora dessa mudança é o pentecostalismo, que age fora e dentro das igrejas cristãs históricas, com grande capilaridade, levando milhões de pessoas a descobrirem a ação vivificante do Espírito em suas vidas, dando-lhes novo sentido, sobretudo num mundo urbano que as condena à ausência de condições de vida digna e à irrelevância social. A ênfase no indivíduo e em sua experiência, relativiza as instituições que normatizavam o crer e dá origem a uma infinidade de denominações e grupos, muitos deles marcados por uma leitura fundamentalista das Escrituras. No âmbito evangélico, sobretudo nos meios neopentecostais, essa leitura é igualmente influenciada pela “teologia da prosperidade”, afinada com a cultura de consumo, e a “teologia” do domínio, que pretende “resgatar” todos os âmbitos da vida à luz de um modelo inspirado na neocristandade. No catolicismo, esta ênfase levou ao surgimento de grupos e de novas comunidades de vida. Muitos deles assumem a proposta de Cristo e estão atentos aos sinais dos tempos, mas outros mostram-se bastante distanciados da Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja, dos ensinamentos do Papa Francisco e das orientações da CNBB. Também têm surgido novos grupos e pessoas que exercem uma espécie de “magistério paralelo” aos Bispos, influenciando parte do clero jovem, seminaristas e leigos que prescindem das indicações do Concílio Vaticano II e das orientações de suas dioceses, gerando grande confusão nas comunidades. Por se articularem pelas redes sociais, esses influenciadores comprometem a comunhão e o senso de pertença à Igreja Local. Assumem e difundem posturas que tendem a combater a opção pelos pobres, o compromisso social e privilegiam uma visão reducionista da liturgia, dissociando-a da prática da misericórdia.

Desde que se decretou a emergência sanitária, e alastrou-se a pandemia, é notória a falta de acordo, entre as distintas instâncias políticas, sobre as medidas a serem adotadas. As trocas de ministros da saúde e a ausência, há vários meses, de um mandatário para a pasta, além dos sinais controversos que o próprio Presidente tem dado ao longo de todo esse



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

período, fizeram com que o contágio se disseminasse, afetando, sobretudo, as populações mais vulneráveis, e ultrapassando, em 8 de agosto, a marca dos cem mil mortos. A crise sanitária afetou também a economia, eliminou empregos e acentuou a incerteza do futuro para muitos. O isolamento social e as medidas higiênicas preventivas foram adotados de modo diverso pelos vários segmentos sociais. As aglomerações de pessoas, proibidas durante meses, não foram e nem são observadas da mesma maneira por esses mesmos segmentos. Nos últimos meses, iniciou-se uma flexibilização, com a retomada de várias atividades econômicas. Muitas pessoas, porém, não observam os protocolos estabelecidos, e a taxa de contágio e morte segue alta.

É digna de nota, nesse tempo, a ação dos profissionais da saúde no acompanhamento dos atingidos pela Covid-19. As igrejas, impedidas, no começo da pandemia, de realizarem atividades que agrupassem pessoas, investiram, através das várias mídias sociais, numa ação evangelizadora focada na família, em celebrações litúrgicas, na formação e acompanhamento dos fiéis, na transmissão de uma mensagem de esperança, baseada na fé, que dá sentido à existência, também nesse tempo. Várias iniciativas de serviço e ajuda aos que mais sofrem os impactos da pandemia têm sido realizadas, mostrando a força da solidariedade.

No âmbito da Pastoral da Igreja, urge refletir sobre a questão da *Iniciação à vida cristã*, sobretudo no pós-pandemia. Será que ela poderá continuar do mesmo jeito, presencial, ou deverá ser reinventada, recorrendo aos recursos das tecnologias digitais? Será que poderemos continuar com a mesma modalidade de Catequese? Não teremos que investir na produção de material para plataformas digitais? Será que o pós-pandemia não pedirá de nós uma forma híbrida de atividades catequéticas? Teremos que ser proativos e não reativos, tendo cuidado para não agigantar ainda mais a exclusão ao acesso digital pelas camadas populares.

Um olhar teológico sobre esse tempo pandêmico convida a discernir nele a “passagem” de Deus, como o fez Elias diante dos sinais que viu na montanha (1Rs 19,12), e o seu “falar”, como o percebeu Jó após Deus parecer calado diante de seu sofrimento (Jó 38-41). De fato, houve muita “fala” em nome de Deus ao longo deste tempo pandêmico. Algumas, como o vendaval, o terremoto e o fogo vistos por Elias no Horeb, associavam a pandemia ao castigo divino, atualizando a imagem vingativa de um Deus castigador. Outras, como as dos amigos de Jó, tentavam consolar e animar tantos que, como ele, haviam tudo perdido, responsabilizando-os, porém, por algum pecado cometido no segredo. No entanto, Deus “passa” na brisa suave e “fala” depois de toda palavra que buscava justificá-lo. Ele convida a ressignificar o tempo cronológico, marcado pelo ritmo frenético das muitas atividades do cotidiano, dando-lhe um sentido kairológico, favorável à conversão e ao encontro com Ele, descobrindo outras maneiras de seu “passar” e de seu “falar” na história.

Em sua homilia do dia 27/03/2020, na Praça de São Pedro, à luz de Mc 4,35-41, o Papa Francisco recordou que, “à semelhança dos discípulos do evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda”, que nos tornou conscientes de



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

que estamos “no mesmo barco, todos frágeis e desorientados”, mas que somos “chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento”. Como os discípulos angustiados, clamamos numa só voz “vamos perecer” (Mc 4,38), mas nos “apercebemos de que não podemos continuar estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos”. A tempestade, diz o Papa, “deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades”. Como bem indica Francisco (2020), a tempestade nos desmascara e nos revela aquela abençoada “pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos”.

Em outras ocasiões, o Pontífice tem dito que o mundo já estava doente antes da pandemia, e que ela apenas escancarou ainda mais as feridas da humanidade. Estas feridas, como os conflitos do mundo, atingem também a Igreja. Além de mostrar nossa vulnerabilidade e fazer-nos conscientes de que estamos “no mesmo barco”, que é agitado pela mesma tempestade, diz ainda o Papa na mesma homilia de março, este tempo de prova é um tempo de decisão – decidir sobre “o que conta” e sobre “o que passa” –, reajustando “a rota da vida”, deixando-nos converter à solidariedade e à esperança. O mistério pascal de Cristo, sua paixão, cruz e ressurreição, revela o mistério de sua *kénosis*, ou seja, a capacidade divina de “abaixar-se”, assumindo a forma de “escravo” (Fl 2,5-11), e oferece luz para a longa travessia do mar revolto que se tornou esse tempo. Nossa âncora e leme é a cruz. Ela também é nossa esperança, nela fomos “curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor”. Abraçá-la “significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar”. Francisco (2020), recorda-nos que o mistério pascal nos impulsiona, enfim, a “abrir espaços” onde todos se sintam chamados a novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade.

Na cruz e na *kénosis* de Cristo, observa, por sua vez, o cardeal Dom José Tolentino (2020), encontramos um esvaziamento que nos convida e nos desafia a um exigente mergulho “no oceano de Deus”, a entrar cada vez mais no “desejo de Deus”, ainda que isso nos indique que se trata de “um parto difícil e doloroso”. No fundo, esse parto é o que nos permite dar o salto da fé. Com ele podemos olhar o mundo de modo diferente, dando-lhe outro sentido, alimentado na esperança que vem da promessa de Cristo de que estaria “sempre conosco, até a consumação dos tempos” (Mt 28,20). Esta certeza nos sustenta em meio ao medo e às incertezas, e suscita a criatividade para agir e falar com “parresía”, e fazer irromper o novo.



III. Uma nova oportunidade para o Evangelho

“Inspirai-nos palavras e ações” (Oração eucarística VI D)

Esse tempo de pandemia, além de convite à conversão, pessoal, social e eclesial, revelou-se rico de aprendizados e abriu novas oportunidades para o anúncio e a vivência do Evangelho. Alguns desses aprendizados serão retomados abaixo, como indícios de que a Igreja está se tornando efetivamente “Casa da Palavra, Casa do Pão, Casa da Caridade e Casa da Missão”, como apontam as DGAE 2019-2023. Outros são interpelações ao discernimento, em busca de uma ação que corresponda aos desafios para os quais apontam.

1. Profecia

Na história de Israel, a profecia surge em tempo de crise, quando a vida dos pobres, das viúvas, dos estrangeiros e dos órfãos é ameaçada, quando o nome de Deus é manipulado e substituído por falsas divindades. No dia 7 de abril, a CNBB, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Comissão de Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns, a Academia Brasileira da Ciência, a Associação Brasileira de Imprensa e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, assinaram o “Pacto pela Vida e pelo Brasil”, conclamando toda a sociedade para que nesse tempo de pandemia “ninguém seja deixado para trás”, lembrando que não é “justo jogar o ônus da imensa crise nos ombros dos mais pobres e dos trabalhadores”, e que compete ao “Estado, o dever de dar absoluta prioridade às populações de rua, aos moradores de comunidades carentes, aos idosos, aos povos indígenas, à população prisional e aos demais grupos em situação de vulnerabilidade”.

No dia 26 de julho, um grupo expressivo de bispos e arcebispos brasileiros assinou uma “Carta ao povo de Deus”, com fortes denúncias ao atual governo nacional, pela forma como tem conduzido a crise sanitária da pandemia da Covid-19, pelos posicionamentos que põem em risco a democracia, atentam contra os direitos humanos e ameaçam o meio ambiente.

No dia 8 de agosto, quando o Brasil atingiu a triste cifra de cem mil mortos, fez sua páscoa Dom Pedro Casaldáliga, que, nos seus mais de 50 anos como missionário no Brasil, dedicou seu ministério de presbítero e bispo à defesa dos mais vulneráveis, sobretudo das populações indígenas, associando sua voz profética a uma vida simples, de proximidade com os pobres, criando fraternidade, despertando a solidariedade, denunciando as injustiças, defendendo a casa comum, sinais do Reino presentes no meio dos pequeninos. Sua morte é ao mesmo tempo motivo de ação de graças, pela fecundidade e ousadia de sua vida e missão, e apelo para que a Igreja não deixe extinguir nela a profecia nem se esqueça dos pobres (Gl 2,10).

2. Uma Igreja sinodal

No dia 29 de junho, a proposta do Sínodo para a Amazônia, de criação de uma Conferência Eclesial Regional, foi aprovada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), reunindo as Igrejas da região. O Papa Francisco tem incentivado muito a experiência de sinodalidade na Igreja, tanto nos processos preparatórios e na realização dos



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

sínodos gerais e extraordinários, quanto nas instâncias diversas que compõem o corpo eclesial. Fazem parte deste processo, as consultas, a escuta, o diálogo, o desejo de chegar a acordos a partir do sentir comum que promove a comunhão. Por isso, mais que já definir, a partir de Roma, a criação desta instância de organização da Igreja panamazônica, o Papa deixou a decisão às forças vivas da região. Como o sínodo mostrou, a Amazônia é um dom para o mundo, não só pela riqueza e diversidade de seu bioma, mas também pela riqueza e diversidade de seus povos originários, ribeirinhos e quilombolas. A decisão de se criar a Conferência Eclesial da Amazônia é um passo para fazer emergir uma igreja com rosto amazônico, motivada pelos sonhos social, cultural, ecológico e eclesial (*Querida Amazônica*), que expressam a missão evangelizadora nessa região.

A sinodalidade é um aprendizado e, por isso, o Papa a propôs como temática para o próximo Sínodo dos Bispos. A CNBB, respondendo aos apelos de Aparecida e do Papa Francisco, prepara seu novo Estatuto, num processo de relevante e ampla participação, com o objetivo de que sua estrutura e funcionamento reflitam o rosto de uma Igreja “em saída”, sinodal e missionária. Nesse tempo de pandemia, em muitas dioceses do Brasil, a sinodalidade tem englobado também a ajuda econômica entre paróquias, dioceses e instituições que dispõem de mais recursos com as que vivem na penúria. Outro aspecto da sinodalidade, ao qual já havia convidado o Papa João Paulo II, na *Tertio millennio adveniente* (1994), é o que promove a comunhão entre os vários carismas, grupos e sensibilidades no interior da Igreja. Muitas comunidades novas, surgidas nos últimos anos no seio da Igreja, nem sempre conseguem discernir o que é “gosto espiritual” da autêntica experiência do Espírito, que cria comunhão e promove o diálogo, não a divisão e a polarização, em vista de uma Igreja servidora dos pobres e excluídos da sociedade.

3. Uma Igreja doméstica

As últimas DGEA 2019-2023 já haviam tomado a metáfora da casa para pensar o processo de evangelização, ao falar da Igreja como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Missão. Nesse tempo de pandemia, a experiência original da Igreja, que nasceu e se consolidou nas casas, tem sido experimentada de muitas maneiras: vida de oração, celebração e reflexão da Palavra de Deus em família, esforço de diálogo, escuta e serviço, como também de anúncio a outras famílias; essas experiências ajudam a superar um devocionismo muito “religioso” e pouco profético, mais focado no milagre que no discipulado. Isso foi possível, em muitos casos, pelo fato de que boa parte dos membros da família tiveram que permanecer em suas casas, por causa das exigências do isolamento social. Em muitos casos, a casa, além do lugar de convívio familiar, tornou-se ambiente de trabalho e estudo. Esta experiência, como diz o Papa Francisco, revelou-se como uma autêntica oportunidade para “primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e celebrar” (EV 24). Muitas pessoas, no entanto, sobretudo as que vivem em bairros mais carentes, pelas necessidades de assegurarem serviços essenciais, cada dia, tiveram que sair para o trabalho. Com a proibição de agrupamentos, contudo, somente nas casas muitas atividades religiosas puderam ser vivenciadas. Por um lado, isso mostrou a força da igreja doméstica, e, por outro,



revelou, pelo sentido da ausência, a importância da vida em comunidade para a vivência da fé.

A Igreja das casas e nas casas revelou-se também como uma Igreja com rosto feminino. Em parte, porque a casa, sobretudo nos meios populares, ainda é o lugar em que as mulheres têm maior protagonismo. E não apenas pelo cuidado da casa e dos filhos, mas também por proverem ao sustento de grande parte da família. Segundo dados de pesquisas recentes, 50% dos lares no Brasil são chefiados por mulheres. O mesmo se pode dizer da maioria das comunidades e pastorais na Igreja, animadas e coordenadas por mulheres. Essa presença e papel da mulher nas casas e na Igreja, porém, nem sempre são valorizados e reconhecidos. Nesse tempo de pandemia, por exemplo, o aumento da violência contra as mulheres conheceu um recrudescimento.

4. Redescobrir novas formas de celebrar o mistério pascal

A impossibilidade de agrupamento de fiéis obrigou a maioria das comunidades a recorrerem às tecnologias do mundo virtual para realizarem celebrações eucarísticas, momentos de adoração, diversas formas de oração, meditação e aprofundamento da fé. De muitos modos, através dessas tecnologias, o mistério pascal foi celebrado, a Palavra divina anunciada e o encontro com Deus promovido, tornando possível uma experiência de comunhão no distanciamento, e mostrando, ao mesmo tempo, pela ausência do encontro presencial, a importância da celebração comunitária da Palavra, da Eucaristia e das outras formas de celebrar o mistério da fé. Nesse tempo de pandemia, a vida espiritual ajudou os fiéis a vencerem o sentimento de esvaziamento e de calamidade, de falta de fé e de esperança. Esse tempo mostrou também a necessidade de pautar a vida das comunidades pelo *kairós*, que leva a vislumbrar uma graça em construção e que abre caminhos de comunhão e esperança, e não pelo *cronos*, que parece devorar as forças e esperanças. São dignos de notas os meios e recursos do mundo digital para celebrações e momentos de formação, reflexão e debates. Eles poderão ser oportunidade para se promover uma cultura das Bem-aventuranças (Mt 5,1-12), iluminada pela *Doutrina Social da Igreja*.

5. Cenários eclesiológicos

O ministério público de Jesus foi todo dedicado ao anúncio do Reino de Deus, que ele tornou presente pelos sinais que realizava (curas, exorcismos, acolhida dos excluídos e pecadores) e pelo ensinamento que propunha (parábolas), chamando à conversão ao Reino que se aproximava como boa notícia (Mc 1,1). Ele associou a seu ministério os discípulos, formando uma comunidade servidora e sinal antecipador do Reino, sua Igreja. Reunida na força do Espírito, após a ressurreição de Jesus, a Igreja busca, em cada tempo e lugar, pela palavra e pelo testemunho, anunciar que o Crucificado-Ressuscitado, arauto e servidor do Reino, é o Cristo, o Senhor e o Filho de Deus. Ao longo dos séculos surgiram vários cenários eclesiológicos, boa parte deles tendo Cristo como centro e, como ele, voltados ao serviço do Reino, sob o dinamismo de seu Espírito.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

A partir do Concílio Vaticano II, vários cenários de Igreja se firmaram no Brasil, alguns mais voltados à práxis do Reino (serviço aos pobres, através das muitas pastorais sociais), outros mais sensíveis à dimensão celebrativa do mistério pascal, outros mais marcados pelas devoções típicas do catolicismo popular surgido no país, outros, enfim, a partir do influxo pentecostal, mais sensíveis às várias manifestações do Espírito.

A pandemia pôs em evidência essa diversidade de cenários eclesiais. Alguns grupos, muito ativos nas redes sociais, às vezes na contramão da Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja, apegam-se a uma figura idealizada de Igreja, de caráter dogmático, em combate contra os “erros do mundo moderno”. Outros, com empenho e coragem, buscam manter ativa a vida da Igreja, dedicando-se ao anúncio do Evangelho, ao serviço dos irmãos, sobretudo dos mais vulneráveis, ao cuidado das estruturas eclesiais. Outros, enfim, buscam novas formas de ser presença e fermento no meio da sociedade, fazendo avançar a reforma eclesial do Papa Francisco. Esses cenários pensam distintamente a pastoral no período pós-pandemia. Alguns buscam um “normal” parecido ao do período anterior; outros, um “novo normal”; outros, enfim, acreditam que o mundo e a Igreja vivem “em dores de parto” e que é preciso gestar algo diferente.

Mais que agudizar o conflito entre esses modelos eclesiais, é urgente, como sinal de conversão, lançar pontes que reconstruam os diálogos interrompidos, para que a Igreja, fortalecida pela mesma espiritualidade da *kénosis* de seu Mestre, saiba escutar e integrar a fragilidade, sendo no mundo presença da misericórdia, promotora do diálogo no interior do próprio corpo eclesial, colocando-se assim ao serviço do Reino que vem.

6. “A caridade nunca acabará” (1Cor 13,8)

De muitas formas, a caridade tem se expressado nesse tempo pandêmico: nos inúmeros gestos de cuidado manifestados nas medidas higiênicas de proteção; na dedicação de tantos profissionais da saúde aos que são atingidos pelo vírus; nos serviços básicos prestados por tantos profissionais que trabalham de modo anônimo, muitas vezes pondo em risco a própria vida; em tantos gestos de solidariedade e serviço prestados aos que mais têm sofrido os efeitos da perda de trabalho e do acesso aos serviços básicos. Dessa corrente da caridade também participou e participa a Igreja, junto com pessoas de todos os horizontes religiosos, mostrando que o que importa, na verdade, é o amor que se torna operante através de gestos concretos.

Enquanto instituição que encarna a Igreja católica no país, a CNBB, junto com a Cáritas Brasil, propôs a iniciativa “Tempo de Cuidar”, ação solidária emergencial, voltada a atender demandas de primeira necessidade das pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, afetadas pelo contexto da pandemia. A essa iniciativa se somam as da maioria das instituições ligadas à Igreja católica, sem contar as paróquias e comunidades espalhadas por todo o território nacional. Além de alimentos, são distribuídos itens importantes de higiene e proteção, formando assim uma enorme corrente de solidariedade em defesa da vida.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

O grande desafio desse tipo de iniciativa é a duração prolongada da pandemia. Como sensibilizar para a solidariedade quando a situação de precariedade parece não ter fim e não tem prazo definido para terminar? Esse é o desafio do atual momento pandêmico, que deve suscitar ações que comprometam na duração e não só na emergência, tanto para doações de bens essenciais, quanto para ajudas que tenham maior permanência.

7. *“Ele enxugará toda lágrima de seus olhos”* (Ap 21,4)

Talvez a experiência mais terrível para quem perdeu um ente querido por causa da Covid-19 seja a do luto. Por medidas sanitárias, não foi permitido aos parentes ver a pessoa que morreu, colocada muitas vezes em sacos ou cremada, sem autorização de velórios. Em muitos lugares, mesmo para os que morreram por outras razões, não foram permitidos velórios, e as exéquias, quando realizadas, tiveram que ser breves.

O velório no Brasil é um dos principais lugares de realização do luto. Eliminado ou reduzido ao mínimo, é como se o luto fosse reprimido, criando a sensação de uma honra não prestada ao morto. O mesmo para a impossibilidade de participar de uma missa de sétimo dia, lugar de memória e símbolo de um luto já avançado, que tampouco foi possível nos períodos mais críticos da pandemia. Do ponto de vista pastoral, o retorno às atividades das comunidades, com todos os protocolos estabelecidos pelas autoridades sanitárias, deverá criar iniciativas para que os fiéis que perderam entes queridos possam fazer a experiência do luto. Momentos celebrativos, grupos de escuta e acompanhamento espiritual deverão ser realizados para que quem perdeu alguém possa sentir que a comunidade de fé o ajuda a ressignificar o luto e a enxugar suas lágrimas.

8. A dívida e o esquecimento

O Brasil teve uma história escravagista que durou quase quatrocentos anos. Os milhões de negros que vieram da África no período colonial e na época imperial tiveram uma contribuição inestimável na formação econômica e na identidade social e cultural do país. A libertação dos escravos, ocorrida no final do século XIX, não lhes deu direitos a terras nem à inclusão que reconhecesse seu papel na história nacional. Para piorar a situação, teorias racistas propagadas entre as elites brancas da nação abriram o país para imigrantes europeus que pudessem “branquear” o país. Ao longo do século XX, a ideologia da “democracia racial” buscou mascarar o fato de que não éramos racistas, mas no cotidiano inúmeros sinais atestavam o contrário.

A Igreja, chamada a testemunhar a presença do Reino como boa notícia, sobretudo aos que são vítimas de todo tipo de exclusão e discriminação, tem buscado, sobretudo a partir do Vaticano II, contribuir no resgate do papel dos negros na formação da nação e na criação de uma consciência da dívida do país para com eles. Apesar dos avanços de algumas políticas públicas afirmativas, que possibilitaram o acesso de muitos afrodescendentes à educação universitária, ou de leis antirracistas e de defesa de direitos dos quilombolas, o racismo permanece travestido de muitas formas, como atestam, entre outros, os índices de presos de origem negra e os números superiores de mortos pela Covid-19 entre pessoas



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

negras. As manifestações antirracistas desencadeadas nos Estados Unidos recentemente, recordam à Igreja que sua tarefa ainda não se concluiu.

A fragmentação que deu origem ao pluralismo religioso no Brasil nos últimos cinquenta anos, beneficiou, sobretudo, grupos pentecostais. Segundo alguns especialistas, essa “efusão” do Espírito só foi possível porque na tradição católica ocidental havia um “esquecimento” do Espírito. Como acima foi assinalado, os diversos pentecostalismos deram uma contribuição significativa às populações mais pobres do Brasil, ajudando-as a ressignificarem a vida num mundo urbano feito de violência e ausência de direitos. Algumas expressões pentecostais, fora e dentro da Igreja, têm, contudo, sido presa fácil do fundamentalismo e de partidos políticos, segundo interesses próprios e não do bem comum. É importante, para o futuro, a Igreja debruçar-se mais profundamente sobre esse fenômeno, para melhor compreendê-lo e ajudar seus fiéis a uma fé adulta, crítica de todo fundamentalismo.

9. Figuras contestadas da Igreja na esfera pública

Dois acontecimentos do mês de agosto colocaram a Igreja em evidência na esfera pública. O primeiro, provocado pela tomada de posição inicial da CNBB com relação ao aborto induzido da criança de 10 anos, vítima de estupro e grávida de cinco meses, levantou muitos debates, com tomadas de posições de várias pessoas e grupos, algumas muito críticas ao pronunciamento da Igreja, visto como juízo de condenação e não olhar de misericórdia, outras apoiando a palavra da Igreja como expressão de defesa da vida. Questões de ética, relacionadas à vida ou à sexualidade, sempre dão lugar a posturas apaixonadas. Ademais, as muitas denúncias de abuso de menores por parte de clérigos, várias comprovadas, têm deslegitimado tomadas de posição da Igreja nesse domínio, embora, segundo dados estatísticos, o maior número de abusos se dê no seio das famílias. Por sua vez, no encontro com os presidentes das Conferências Episcopais do mundo, no dia 24/02/19, o Papa Francisco cita também o Brasil entre um dos destinos do flagelo do *turismo sexual*¹, além de promover protocolos mais rígidos de proteção de menores e vulneráveis no seio da Igreja. Neste contexto, torna-se difícil discernir qual palavra a Igreja deve dizer, mas sua palavra tem que ser a que mais se aproxima à de seu Mestre.

Outra visibilização pública da Igreja foi a da ação do ministério público de Goiás envolvendo a Associação Filhos do Pai Eterno (AFIPE), presidida pelo Pe. Robson de Oliveira Pereira, reitor do Santuário do Pai Eterno, em Trindade, GO. Para além das suspeitas de improbidade administrativa ou do uso indevido dos recursos da AFIPE, chamou a atenção os altos valores geridos pela Associação, e os impactos sobre a imagem da Igreja, que passa a ser identificada com os atos repreensíveis do padre que encarnava uma das devoções mais importantes da religiosidade popular católica do Brasil nas últimas décadas. Que modelo de

¹ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190224_incontro-protezioneminori-chiusura.html



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Igreja a pastoral devocional promove no seio do catolicismo nacional? Até que ponto esse modelo é sinal do Reino que Jesus anuncia aos pobres como boa notícia que cura, liberta e inclui os pequenos e pobres da terra?

Nestes tempos em que a comunicação, pelas diversas redes, é imediata, torna-se difícil calar-se ou omitir-se diante de certos temas e acontecimentos. Contudo, muitos deles são espinhosos, dolorosos e controversos, por isso, é necessária uma boa assessoria de imprensa. A palavra pública e oficial da Igreja deve ser clara em defesa da vida, da justiça e dos mais vulneráveis. Ela deve construir pontes e não muros, além de inspirar um ideal de ação, seguindo as pegadas do Cristo misericordioso, compassivo e samaritano².

Considerações finais³

No início do mês de outubro, o Papa Francisco ofereceu à Igreja e ao Mundo a sua terceira Encíclica, *Fratelli tutti*⁴, “sobre a fraternidade e a amizade social”, que representa um capítulo novo da *Doutrina Social da Igreja*. Ela oferece pistas fundamentais para a travessia da tempestade na qual o mundo está imerso. A Encíclica demandará, de toda a Igreja, uma leitura atenta para exercer “uma nova imaginação do possível, com o realismo que só o Evangelho pode nos proporcionar”⁵.

²http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20200714_samaritanus-bonus_po.html

³ **Membros Equipe de Análise de Conjuntura Eclesial**

Dom Paulo Cezar Costa, bispo de São Carlos/SP, responsável pela equipe

Dom Leomar Antonio Brustolin – PUC-RS

Pe. Boris Agustin Nef Ulloa – PUC-SP

Pe. Geraldo Luiz De Mori – FAJE

Frei Jorge Rocha – Católica/Salvador

Pe. Justino Tuyuka – Diocese de São Gabriel da Cachoeira/AM

Pe. Marcelo Batalioto – Dehoniana/Taubaté

Pe. Marcial Maçaneiro, SSJ – PUC-PR

Pe. Marcus Barbosa Guimarães – CNBB

Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer – PUC-Rio

Pe. Pedro Rubens Ferreira de Oliveira – Católica de Recife

Pe. Waldecir Gonzaga – PUC-Rio

⁴http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

⁵ <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/papa-francisco-coronavirus-meditacao-alegrai-vos.html>